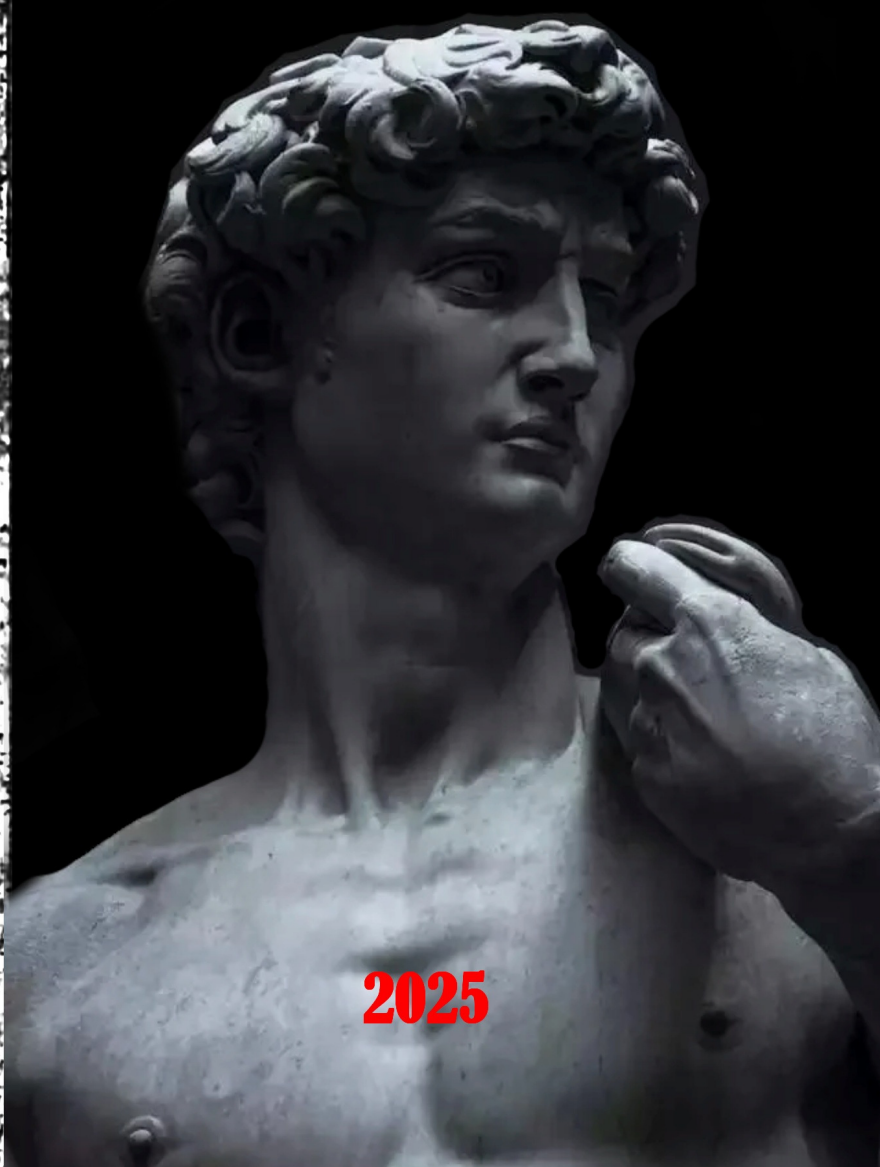


ATENAS



2025

ESTE LIVRO
É PARA
DISTRIBUIÇÃO
GRATUÍTA

ÍNDICE

Prefácio	...	...	...	...	...	...	...	7
A origem do povo grego	...	...	...	...	...	...	...	9
A formação da cidade-estado grega	...	...	...	...	...	...	...	11
A colonização grega	...	...	...	...	...	...	...	12
Evolução económica	...	...	...	...	...	...	...	13
Evolução político-social — da monarquia à tirania	...	...	...	...	...	...	...	14
A democracia em Atenas, no século V a.C.	...	...	...	...	...	...	...	16
Instituições políticas no século V a.C.	...	...	...	...	...	...	...	17
A sociedade ateniense no século V a.C.	...	...	...	...	...	...	...	17
As contradições da democracia ateniense	...	...	...	...	...	...	...	18
As manifestações religiosas e a sua originalidade	...	...	...	...	...	...	...	19
Mitologia, heróis e culto	...	...	...	...	...	...	...	20
Manifestações culturais	...	...	...	...	...	...	...	20
A educação ateniense	...	...	...	...	...	...	...	21
A praça pública (Ágora)	...	...	...	...	...	...	...	21
Os jogos	...	...	...	...	...	...	...	21
A língua e a literatura	...	...	...	...	...	...	...	22
O teatro	...	...	...	...	...	...	...	22
Principais autores trágicos e cómicos	...	...	...	...	...	...	...	23
A filosofia	...	...	...	...	...	...	...	23
A oratória	...	...	...	...	...	...	...	24
A ciência	...	...	...	...	...	...	...	24
A arte grega	...	...	...	...	...	...	...	25
A arquitetura	...	...	...	...	...	...	...	25
Escultura e relevo	...	...	...	...	...	...	...	26
Cerâmica e pintura	...	...	...	...	...	...	...	26
Da Cidade-Estado ao “Império Helenística”	...	...	...	...	...	...	...	27
Fenícios, gregos e cartagineses na Península Ibérica	...	...	...	...	...	...	...	28

PREFÁCIO

No coração do Mediterrâneo, ergue-se uma cidade cuja história transcende o tempo e cujo legado moldou o pensamento ocidental: Atenas. Berço da democracia, palco de grandes filósofos e centro irradiador de cultura, arte e conhecimento, Atenas não foi apenas mais uma pólis entre as cidades-estado da Grécia Antiga, mas sim o símbolo de uma civilização que buscava compreender a si mesma e ao mundo ao seu redor.

Este pequeno livro procura conduzir o leitor por uma viagem fascinante ao passado, explorando as origens de Atenas, desde os primórdios até o esplendor do Período Clássico, quando a cidade alcançou o seu auge político, intelectual e artístico. Ao longo dessas páginas, será possível compreender como a cidade, batizada em homenagem à deusa Atena, se tornou protagonista em batalhas épicas contra os persas, consolidou a sua liderança através da Liga de Delos e enfrentou rivais como Esparta na Guerra do Peloponeso, conflito que marcaria o início do seu declínio, mas não o seu esquecimento.

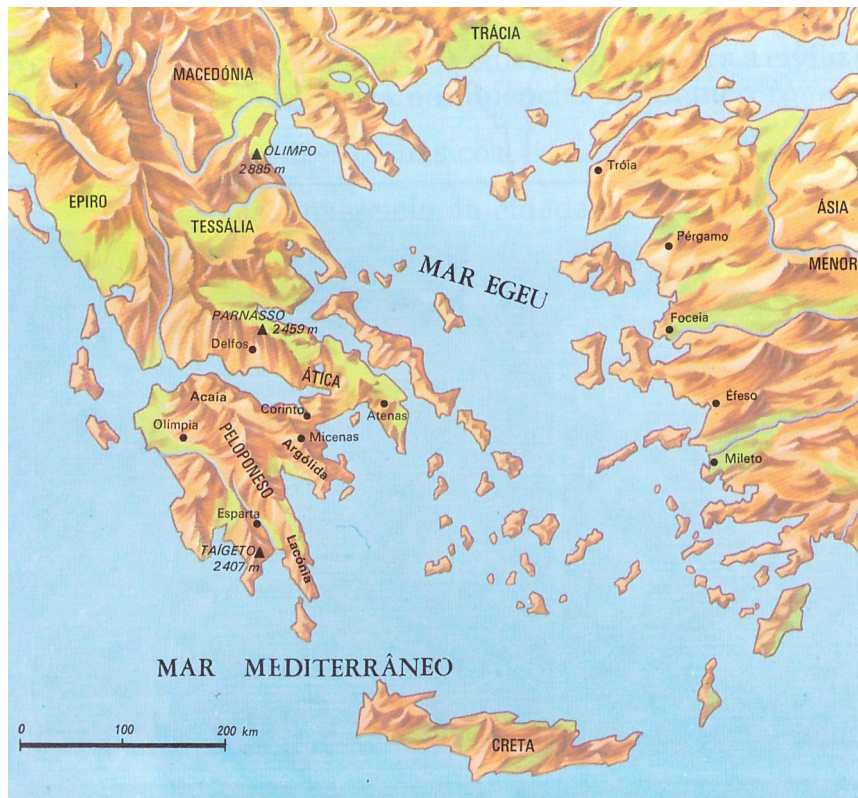
Além das guerras e da política, este texto busca revelar o cotidiano ateniense: o comércio marítimo impulsionado pelo Porto de Pireu, a vida nas ruas da Ágora, os debates filosóficos e as celebrações em honra aos deuses. Atenas foi também o cenário de inovações fundamentais, como o ostracismo, mecanismo que visava proteger a democracia das ameaças internas, e de sistemas de governo que influenciaram profundamente a história das sociedades ocidentais.

Ao adentrarmos no universo ateniense, descobrimos que a sua herança vai muito além de monumentos e ruínas. Ela reside na arte, na filosofia, na busca pelo conhecimento e na construção de uma identidade que, mesmo após milénios, continua a inspirar e desafiar a humanidade. Que este livro sirva como porta de entrada para compreender não apenas Atenas, mas todo o fascínio e complexidade da Grécia Antiga, berço de ideias eternas e de uma civilização que, ainda hoje, nos convida a refletir sobre o que somos e o que podemos vir a ser.

ATENAS

(GRÉCIA ANTIGA)

A Grécia, situada na Península Balcânica (sueste da Europa) e banhada pelo mar Mediterrâneo Oriental, constituiu um território montanhoso e com profundos recortes na sua costa.



A ORIGEM DO POVO GREGO

Desde os tempos neolíticos até ao segundo milénio a.C. a Grécia era habitada por povos de origem mediterrânica, conhecidos por **Pelasgos**. Por volta do ano 2.000 a.C. é invadida, em sucessivas vagas, por **Aqueus**, **Eólios** e **Jónios**. Estes povos eram indo-europeus, vindos das estepes da Rússia e das planícies do Danúbio.

Na altura em que se deram estas invasões florescia na ilha de Creta uma civilização mercantil bastante próspera, conhecedora do trabalhar dos metais e com uma cultura avançada. Era a **civilização cretense**.

Os aqueus, que se fixaram no Peloponeso (região sul da Grécia), dedicaram-se inicialmente à agricultura e à pastorícia. Posteriormente, o contacto com os cretenses, tornaram-nos marinheiros e piratas, expandiram-se pelas ilhas do Mar Egeu e pelo

litoral da Ásia Menor e, por volta de 1.450 a.C., acabaram mesmo por conquistar Creta.

Assimilando os modos de vida, as técnicas e a cultura dos cretenses vencidos, os aqueus desenvolveram uma brilhante civilização — **a civilização micénica** — que era constituída por diferentes reinos, dos quais o mais importante era **Micenas**.



Palácio de Cnossos, na ilha de Creta

É ela extremamente original e sedutora, pela sua arte e por uma espécie de alegria de viver bem mediterrânica, [...]

Por volta de 1.700 a.C., os palácios foram todos incendiados, o que se explicaria mais por uma incursão dos primeiros aqueus [...] do que por levantamentos de ordem social. Pouco depois, reconstroem-se os palácios [...] e a partir de então não há qualquer dúvida relativa à supremacia de Cnossos. [...]

A ilha vive então o seu apogeu, sob um poder forte e centralizador; tratar-se-ia, entre 1.500 a.C. e 1.450 a.C., da época da “talassocracia” cretense [...]. Por volta de 1.450 a.C. abate-se nova catástrofe sobre Creta, cujos palácios e ricas moradias são incendiados e pilhados. [...] A partir daí, a sua civilização rastejará sem originalidade, sob influência aqueia, depois dória, até à época clássica. [...]

Dante do desaparecimento da arquitectura [...] restam-nos sobretudo os frescos, os relevos pintados [...], as estatuetas de metal ou marfim, as placas de faiança colorida, os vasos de metal decorados de relevos e os vasos de cerâmica. [...] Ao contrário do Egipto e da Ásia, a arte cretense repudia o grandioso e, diferentemente da arte grega [...], ignora a estatutária de dimensões normais.

Paul Petit, O Mundo Antigo, pág. 39 a 42

A civilização micénica ou aqueia [...] é mais interessante pelo seu papel histórico do que pelo encanto que dela possa emanar.

Mais brutal e sumária, sem dúvida porque mais militar, que a cretense, é ela, entretanto, a primeira civilização grega, tendo-lhe cabido o mérito de recolher e transmitir, para além do turbilhão dos dórios, as tradições de Creta.

Graças aos poemas homéricos, esta “idade dos heróis”, [...] agiu profundamente sobre o pensamento grego.

Paul Petit, O Mundo Antigo, pág. 47

Por volta do ano 1.100 a.C., uma nova vaga de povos indo-europeus invade a Grécia: os **Dórios**. A superioridade das suas armas feitas em ferro deu-lhes um rápido domínio sobre a Grécia, acabando por destruir a civilização micénica.

A invasão dos dórios vai dar origem à **primeira colonização grega**. Assim, enquanto que os aqueus se deslocaram para a Ática, os eólios e os jónios refugiaram-se nas ilhas do Mar Egeu e na Ásia Menor, para onde iriam também os dórios (embora mais tarde e pacificamente).

É precisamente nas ilhas do Mar Egeu e nas costas da Ásia Menor que vão surgir os primeiros focos da civilização grega ou helénica.



Porta das Leões, em Micenas

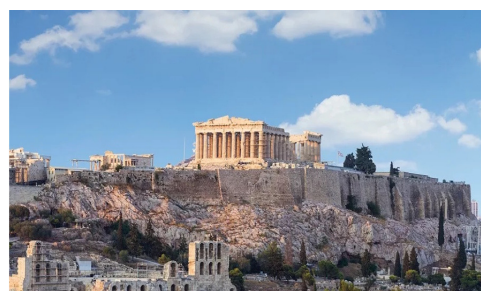
Da fusão dos pelasgos com os diferentes povos que sucessivamente invadiram a Grécia formou-se o povo grego ou helénico.

A FORMAÇÃO DA CIDADE-ESTADO GREGA

Agrupadas inicialmente em tribos, as diferentes comunidades gregas conhecem, no século VIII a.C. um novo tipo de organização: as **cidades-estado**, denominadas de **polis** em grego.

A formação das cidades-estado gregas ficou a dever-se, por um lado, aos condicionalismos geográficos (solo compartimentado entre montanhas e vales, favorável ao isolamento das comunidades) e, por outro, às rivalidades entre as várias tribos após a invasão dos dórios.

Com efeito, as frequentes disputas das terras férteis, das minas e dos lugares mais seguros levam à necessidade de fortificar um determinado local, normalmente no cimo de uma colina. Nessa parte mais alta da colina — **a acrópole** — situava-se o templo e o palácio do rei. Entretanto, motivados por necessidades económicas, religiosas e defensivas, as populações foram-se concentrando à volta da acrópole, surgindo, na parte baixa da colina, dois novos espaços da pólis: o mercado e a praça pública (ou *ágora*). À volta do novo centro urbano situavam-se as áreas destinadas à agricultura e à pastorícia.



Acrópole de Atenas

Deste modo formaram-se as numerosas cidades-estado gregas, geralmente de pequenas dimensões, tendo cada uma delas o seu governo próprio.

A COLONIZAÇÃO GREGA

A partir dos meados do século VIII a.C. inicia-se a segunda colonização grega que leva numerosas populações a abandonarem a Grécia.

Foram vários os factores que contribuíram para esta expansão, que irá durar até ao século VI a.C.:

- **Condicionalismos geográficos:** o solo montanhoso e pobre era pouco favorável à agricultura;
- **Aumento demográfico:** as terras não produziam o suficiente para alimentar a crescente população;
- **Regime de propriedade:** a grande maioria das terras pertencia à nobreza; os camponeses desejavam procurar meios de subsistência próprios;
- **Sistema de heranças:** entre a aristocracia grega só o filho mais velho é que herdava; os restantes filhos preferiam muitas vezes procurar a sua sorte noutras paragens;
- **Lutas políticas e sociais constantes:** os vencidos das guerras, os devedores e os perseguidos preferiam fugir para outras terras a serem feitos escravos.

Assim, por iniciativa própria ou apoiadas oficialmente pela cidade-mãe (a **metrópole**), numerosas famílias gregas vão espalhar-se por todo o Mediterrâneo, desde o Mar Negro até à Península Ibérica, fundando diversas **colónias**, umas de características agrícolas e outras de cariz comercial.

Embora as colónias constituíssem novas cidades-estados, independentes da respetiva metrópole, os seus habitantes mantinham fortes laços de união com a cidade-mãe: o fogo sagrado, o idioma, os costumes, a cultura, as festas religiosas, os deuses, os jogos e as relações comerciais.

Abaixo segue-se um extrato da obra “*Crítia*”, do filósofo grego Platão, na qual relata a situação da degradação do solo na região de Ática:¹

A terra arável foi desagregada das encostas [...], continua a correr, a sumir-se no abismo (no mar). O que resta é hoje, comparado com o que foi outrora, o esqueleto de um corpo devastado pela doença. Todo o solo móvel e rico da região deslizou para a periferia.

Platão, in Crítia.

1 Ática é uma província grega onde se situa a cidade de Atenas.

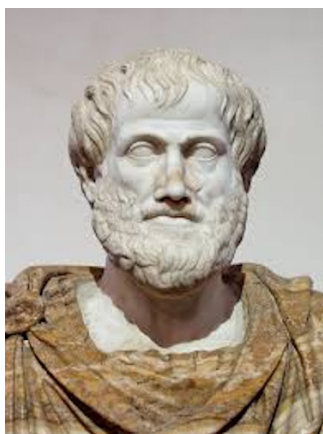
O filósofo Aristóteles, na sua obra “*Constituição de Atenas*”, faz menção aos sistemas económico e político da época, por volta do ano 600 a.C.:

Aconteceu que os nobres e a multidão estiveram em conflito durante muito tempo. Com efeito, o regime político era oligárquico em tudo; e, em particular, os pobres, suas mulheres e filhos eram escravos dos ricos. Toda a terra estava nas mãos de um pequeno número; este facto e a situação de escravatura provocavam o descontentamento.

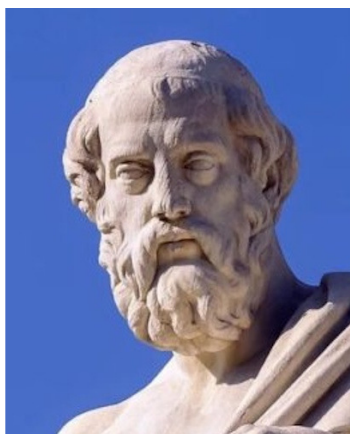
[...]

Pisístrato governava a cidade mais como um bom cidadão do que como um tirano. Em geral era humano e indulgente para com os delinquentes, e, particularmente, abonava dinheiro aos pobres para os seus trabalhos, mesmo que ganhassem a vida cultivando a terra... Ele agia assim por duas razões: para que, em vez de passarem o tempo na cidade, eles permanecessem nos campos, e para que, ocupando o seu tempo nos afazeres pessoais, não tivessem tempo livre e desejo de ocupar nos assuntos do Estado.

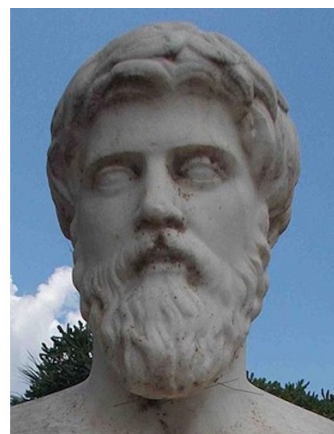
Aristóteles, in Constituição de Atenas.



Aristóteles



Platão



Plutarco

EVOLUÇÃO ECONÓMICA

Uma das consequências mais importantes da colonização grega foi o desenvolvimento das relações comerciais que se estabeleceram entre as diversas cidades-estados (metrópoles e colónias). Atenas, situada na Península de Ática e nas proximidades do mar, tornar-se-á, em virtude da atividade mercantil na mais evoluída das cidades gregas. Analisamos a seguir como se processou essa evolução.

Até meados do século VII a.C., Atenas conservou uma economia baseada na agricultura. Os seus habitantes produziam essencialmente cereais, vinho, azeite e mel. A partir desse período, e na sequência de uma nova fase do movimento de colonização, em que surgem as colónias comerciais, Atenas vai transformar-se numa grande cidade mercantil.

Com efeito, beneficiando da sua posição geográfica, os Atenienses começaram por exportar os seus excedentes agrícolas. Com o desenvolvimento da sua atividade artesanal passaram a incluir no conjunto das suas exportações outros artigos, tais como: vasos de cerâmica, armas, objectos de metal e arigos de luxo. Além disso, fizeram-se também intermediários no comércio dos produtos das regiões vizinhas.

O desenvolvimento da atividade mercantil e a consequente prosperidade económica irão provocar alterações de ordem político-social e cultural em Atenas.

EVOLUÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA MONARQUIA À TIRANIA

Inicialmente Atenas era governada sob um regime monárquico, em que uma aristocracia de grandes proprietários de terras chamados de **eupátridas**, ocupava um lugar de destaque na sociedade ateniense. A grande maioria da população, que não tinha direitos políticos, era constituída por pequenos camponeses, chamados de **tetas** e alguns artesãos.

A crescente riqueza dos aristocratas, aumentada através da sua posterior participação no comércio e da aquisição de terras como pagamento de dívidas, fez com que um grupo de famílias mais ricas se apropriasse do poder, em meados do século VII a.C. e implantasse em Atenas um novo regime denominado de **oligarquia**.

Entretanto, o desenvolvimento comercial, que a partir dos meados do século VII a.C., contribuiu para o enriquecimento de algumas famílias aristocráticas, fez igualmente surgir em Atenas uma classe média de comerciantes. Estes, contudo, estavam privados de participar na governação da cidade. Por outro lado, a situação dos camponeses era cada vez mais grave, devido à concorrência dos produtos coloniais.

É neste contexto de tensões sociais que, nos finais do século VI a.C., surgem as primeiras reformas, da autoria dos magistrados **Drácon** e **Sólon**, com o objectivo de evitar os conflitos sociais.

Drácon publicou um código de leis bastante severo, mas não conseguiu evitar o agravamento das lutas sociais. Plutarco, na sua obra “*Sólon*”, faz menção ao sistema judicial e penal na época de Drácon:

Excessivamente severas nas punições (as leis de Drácon²), só pronunciavam uma pena para todas as faltas: era a pena de morte. Os que eram acusados de ociosidade, os que apenas tinham roubado legumes ou frutos, eram punidos com o mesmo rigor que os sacrílegos e os homicidas. Também, mais tarde, Démates dizia, com razão, que Drácon tinha escrito as suas leis, não com tinta, mas com sangue. Quando se perguntava a este legislador porque tinha estabelecido a pena de morte para todas as faltas, ele respondia: “Acho que as menores faltas merecem essa pena, e não encontrei outra para as maiores”.

Plutarco, in Sólon.

2 Alguns estudiosos académicos dizem que Drácon é uma personagem do folclore grego, ou um mito, dado que não existem dados biográficos dele. Apenas existem menções às suas leis.

No sentido de continuarem as reformas, surgem ainda umas novas reformas da autoria de Sólon que aliviam um pouco as leis draconianas:

- Decretou a libertação dos camponeses que tinham sido escravizados por dívidas e devolveu-lhes as terras;
- Impôs limites máximos às propriedades agrárias;
- Fomentou o comércio e as atividades artesanais, dando a muitos atenienses a oportunidade de enriquecerem;
- Elaborou as bases da futura “Constituição” democrática, segundo a qual todos os cidadãos participavam na vida política, embora só os mais ricos pudessem exercer os cargos mais elevados.

Porém, estas reformas também não conseguiram evitar as lutas político-sociais, na medida em que, por um lado, eram insuficientes para os desejos da classe média e da grande massa de pequenos proprietários e artífices.

É então que surge **Pisístrato**, apoiado pelas massas populares e servindo-se da força, toma conta do poder (ano 560 a.C.), instaurando um novo regime: a **tiranía**.

Não devemos, no entanto, atribuir a essa tirania o mesmo sentido que hoje damos à palavra. Na verdade, Pisístrato confiscou terras aos nobres e distribuiu-as pelo campesinato, diminuiu os privilégios da aristocracia, desenvolveu a atividade mercantil e fomentou o desenvolvimento cultural e urbanístico de Atenas.

De seguida transcreve-se alguns comentários efetuados em obras literárias da época, por autores bem conhecidos na atualidade.

Sobre os **cidadãos** atenienses o historiador grego Tucídides relata o seguinte na sua obra “*História da Guerra do Peloponeso*”:

O cidadão tem a satisfação de poder contribuir para a resolução dos assuntos públicos como membro da assembleia popular, como heliasta ou como pequeno magistrado. Em tempo de guerra ele pega no armamento de hoplita,³ herança paternal, para defender os seus familiares, a sua casa e as suas culturas.

Tucídides – História da Guerra do Peloponeso



Sistena de votação

3 Nome que os atenienses usavam para designar soldado.

O historiador, filósofo e soldado grego de nome Xenofonte, escreve sobre os **metecos**⁴ na sua obra “*Económico*”:

Nós devemos interessar-nos pelos metecos porque eles são a nossa principal fonte de rendimento; na verdade, eles alimentam-se a si próprios, não recebem nenhum salário da cidade e ainda pagam a taxa de residência.

Xenofonte – Económico

Um oligarca, identificado como Pseudo-Xenofonte (talvez fosse Crítias), reclamando da corrupção na democracia ateniense, escreveu o seguinte sobre os **escravos**, na sua obra “*Governo dos Atenienses*”:

Existem, na espécie humana, seres inferiores aos outros, tal como o animal em relação ao homem. A guerra é um meio legítimo de adquirir escravos. Uma família completa compõe-se de homens livres e escravos.

Pseudo-Xenofonte – Governo dos Atenienses

A DEMOCRACIA EM ATENAS NO SÉCULO V a.C.

Após a morte de Pisístrato, os nobres tentaram retomar o poder mas não conseguiram. Surge então um novo magistrado – **Clístenes** (ano 508 a.C.) – que vai completar as reformas dos anteriores.

- Dividiu a Ática em 100 Demos⁵, agrupados em 10 Tribos, de forma que cada Tribo tivesse eleitores das diferentes regiões (costa, planície, montanha e cidade) e, por conseguinte, de diferentes grupos sociais. Cada Tribo elegia os seus representantes para os órgãos do governo;
- Decretou a igualdade de direitos políticos para todos os cidadãos⁶;
- Estabeleceu o ostracismo, a fim de evitar qualquer forma de ditadura. Pelo ostracismo a assembleia do povo podia expulsar da cidade, por dez anos, qualquer pessoa que demonstrasse ambição pelo poder pessoal.

Com as reformas de Clístenes, a constituição política de Atenas adquiriu a sua forma quase definitiva, sofrendo apenas no século seguinte alguns ajustamentos.

4 Metecos eram estrangeiros residentes em Atenas. Não eram considerados cidadãos e não possuíam direitos políticos e eram excluídos da participação na vida cívica. Eles estavam sujeitos a impostos adicionais e outras obrigações, mas também desempenhavam papéis importantes na economia da cidade, especialmente no comércio.

5 Demos, eram circunscrições administrativas e eleitorais.

6 Na Grécia antiga, “todos os cidadãos” referia-se exclusivamente aos homens livres, adultos, nascidos de pai e mãe cidadãos legítimos da respetiva pólis, normalmente Atenas, e registados oficialmente. As mulheres, os escravos, os estrangeiros (metecos) e os menores de idade estavam excluídos desse conceito.

INSTITUIÇÕES POLÍTICAS DO SÉCULO V a.C.

Atenas conhecia, a partir de então, um novo regime – a **democracia** – cujo funcionamento, no século V a. C., assentava nas seguintes instituições:

- A **Assembleia do Povo**, ou **Eclésia**, era constituída por todos os cidadãos, aprovava as leis, decidia a guerra e a paz e tomava outras decisões, incluindo a de votar o ostracismo;
- O **Concelho dos 500**, ou **Bulê**, constituído por 500 cidadãos com mais de 30 anos, sorteados anualmente, preparava os trabalhos da Eclésia elaborando as leis que iam ser levadas para aprovação nessa assembleia;
- Os **magistrados**, sorteados ou eleitos por um ano, executavam e aplicavam as leis aprovadas na Eclésia. Os **arcontes**, em número de 10 e tirados à sorte, presidiam à organização dos tribunais e ao culto dos deuses. Os **estrategos**, também em número de 10 mas escolhidos por eleição, eram os chefes militares e os dirigentes da política interna. Um dos estrategos assumia rotativamente a função de presidente. Os estrategos tornaram-se os mais importantes chefes políticos de Atenas. Em conjunto, os arcontes e os estrategos exerciam o poder executivo.
- Os **Tribunais** asseguravam a administração da justiça. O **Tribunal Popular** ou **Helieu**, era constituído por 600 juízes (os heliastas), sorteados anualmente, julgavam os casos mais vulgares; o **Areópago**, constituído por antigos arcontes, julgava os crimes de morte e os crimes religiosos. Em conjunto, o Helieu e o Areópago exerciam o poder judicial.

A SOCIEDADE ATENIENSE NO SÉCULO V a.C.

As reformas político-sociais efetuadas por Clístenes vão ser consolidadas e completadas por **Péricles**, eleito no cargo de estratega ao longo de 15 anos consecutivos (446 a.C. – 429 a.C.).

Convencido que o bom funcionamento da democracia passava pelo bem estar dos cidadãos e pela criação de condições que possibilitassem a igualdade de oportunidades a todos eles, fundou novas colónias, fez reverter para o Estado os rendimentos das minas de prata, lançou impostos sobre os estrangeiros fixados em Atenas e tributos sobre as cidades aliadas.

Com os rendimentos daí obtidos, criou postos de trabalho, através da construção de obras públicas, fomentou a criação artística e instituiu remunerações para os cidadãos que fossem eleitos para desempenhar cargos de governo. Desta forma todos os cidadãos, ricos ou pobres, tinham a possibilidade de exercer cargos públicos. Muitos outros poder-se-iam dedicar ao ócio⁷



Péricles

⁷ Ócio, na Grécia antiga, significava dedicar-se a uma atividade intelectual ou artística.

Além dos **cidadãos**, a sociedade ateniense do século V a.C. – o **século de Péricles** – incluía ainda os **metecos** e os **escravos**.

Os **cidadãos** eram todos homens com mais de 20 anos, nascidos de pais atenienses e com o serviço militar cumprido. Só eles podiam possuir terras ou casas e eram os únicos que podiam participar no governo e na administração da cidade, fazendo parte da Eclésia (**cidadania**). As mulheres não tinham quaisquer direitos.

Os **metecos**, em número superior ao dos cidadãos, eram estrangeiros que residiam em Atenas. Embora sendo homens livres, não podiam participar na administração da cidade nem possuir terras. Dedicavam-se ao comércio e ao artesanato e eram também obrigados a pagar impostos e a prestar serviço militar. Só excepcionalmente adquiriam o direito de cidadãos.

Os **escravos** constituíam a grande maioria da população. Em geral, eram prisioneiros de guerra ou pessoas raptadas pelos piratas. Podiam pertencer ao Estado ou a pessoas particulares. Embora não tivessem quaisquer direitos⁸ e exercessem os trabalhos mais duros (minas, arroteamentos de florestas e outros), os escravos não eram aqui maltratados, contrariamente do que acontecia noutras civilizações da antiguidade.

O importante papel que os escravos desempenhavam na economia ateniense tornou possível a dedicação exclusiva à vida política e intelectual por parte de muitos cidadãos.

AS CONTRADIÇÕES DA DEMOCRACIA ATENIENSE

Pelas características desta sociedade, facilmente se compreenderá que a democracia ateniense tinha as suas contradições. Era, de facto, uma democracia imperfeita e limitada.

Com efeito, o exercício da cidadania (direito de voto e de participação na vida política) era, como vimos, limitada a uma minoria: os cidadãos. Além disso, a existência da escravatura e do ostracismo, são contrárias às liberdades democráticas da atualidade.

Por outro lado, Atenas exerceu um domínio imperialista sobre outras cidades-estados que com ela tinham formado uma aliança defensiva: a **Liga de Delos**. Aproveitando-se da sua força e prestígio, Atenas acabará por se impor às restantes cidades pertencentes à Liga de Delos, sobre as quais lançará pesados tributos.

Apesar destas limitações, Atenas constituiu um modelo de sociedade que viria a influenciar a maior parte das cidades marítimas da Grécia.

A própria história da Humanidade tem aqui um dos pontos mais altos. Com efeito, a prosperidade económica de Atenas, para além de possibilitar a consolidação da democracia, vai conduzir a sociedade ateniense a um grande esplendor cultural (que veremos mais à frente).

⁸ Não eram considerados pessoas.



Guerreiros atenienses do século V a.C., retratados em vaso

AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E A SUA ORIGINALIDADE

O **politeísmo** e a crença de que os deuses comandavam os destinos do mundo e dos homens, assemelham a religião grega às de outros povos da antiguidade. Porém, a imaginação, o senso da razão e a poesia deram à religião grega um carácter original.

Para os gregos os deuses não são seres misteriosos e desconhecidos; para os gregos os deuses são semelhantes aos homens, nas suas qualidades e nos seus defeitos. É o que chamamos de **antropomorfismo**. Uns são belos (como Afrodite e Apolo), outros feios (como Hefesto), outros alegres (como Dionísio), outros invejosos (como Hera) ou mentirosos (como Hermes). O que os distingue dos homens é a **imortalidade**, o poderem tornar-se **invisíveis**, e o poderem adquirir várias formas (**metamorfose**).

Os grandes deuses eram comuns a toda a Grécia: Zeus (senhor do Universo, deus dos deuses), Apolo (deus do Sol), Posídon (deus dos mares), Hades (deus dos mortos), Artémis (deusa da Lua e da caça), Afrodite (deusa da beleza e do amor); mas, para além destes, muitos outros existiam: cada cidade, cada profissão, cada atividade tinha o seu deus protetor.

MITOLOGIA, HERÓIS E CULTO

Os gregos inventaram um conjunto de lendas (mitos) sobre a origem e vida dos deuses; constituíram-nos em famílias, colocaram-nos em lutas, deram-lhes uma história fantástica.

Entre os homens e os deuses havia os **heróis**, como Héracles, Teseu, Édipo e outros, cujas façanhas em vida os tornaram imortais e merecedores de culto e de tratamento poético como os deuses.

Os poemas homéricos (Ilíada e Odisseia), o poeta Hesíodo (em Teogonia), os escultores, os pintores e a tradição imortalizaram até aos nossos dias a maravilhosa mitologia grega.

Foram a religião e a mitologia gregas que inspiraram as mais belas obras literárias e artísticas da Grécia, da poesia aos templos, às estátuas, aos vasos pintados, etc.

A vida do cidadão ateniense repartia-se, pode dizer-se entre a política e o culto; na verdade, o teatro, os jogos e todas as manifestações artísticas eram dedicadas aos deuses.

Mas a religião grega era uma religião sem dogmas: os mitos não impunham crenças absolutas nem comportavam nenhum comando divino, nenhuma opção entre bem e mal. Os homens os inventaram, os homens os modificaram. Alguns propunham explicações dos grandes fenómenos da Natureza, como o mito de Deméter, que simbolizava o ciclo das colheitas. O culto, doméstico e público, destinava-se simplesmente a solicitar o benefício dos deuses. Tal como a arte, a religião grega era uma religião à medida do homem.



Zeus

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E EDUCAÇÃO

O principal aspeto que marca a superioridade do mundo grego relativamente a outras civilizações da Antiguidade está no prestígio da sua cultura. Ao cidadão ateniense eram proporcionados diversos espaços culturais: as escolas, a ágora, os recintos desportivos e os espaços destinados a representações cénicas.

A EDUCAÇÃO ATENIENSE

A mãe cuidava das suas crianças até aos sete anos de idade no **gineceu**⁹. Depois desta idade, as raparigas continuavam em casa, onde aprendiam os trabalhos domésticos e música. Os rapazes iam à escola, tendo os mais ricos um escravo ao seu serviço (**o pedagogo**) que os obrigava a repetir as lições.

Dos 12 aos 14 anos, a escrever e a ler, música, recitavam poesia (os poemas “Homéricos”), praticavam ginástica e luta.

A partir dos 15 anos, os jovens frequentavam o ginásio, onde continuavam a sua preparação física. Diariamente após a preparação física, preparavam-se intelectualmente: passeando nos jardins do ginásio, dialogavam com os seus professores (filósofos).

A **Academia** e o **Liceu**, tornaram-se os ginásios mais importantes de Atenas, constituindo autênticas universidades. Aos 20 anos o jovem ateniense deveria já ter cumprido dois anos de preparação militar: tornava-se assim, um **cidadão**.

A PRAÇA PÚBLICA (ÁGORA)

A **praça pública**, ou **ágora**, era o centro cívico da cidade. Nela se reuniam os cidadãos nas assembleias políticas, nela se encontravam os homens de negócios, nela se reuniam os amigos que, iam passeando e conversavam abrigados pelos pórticos¹⁰ e pelas as colunatas¹¹, nela se discutiam as decisões da última assembleia popular. É também na praça pública que os atenienses desenvolvem a oratória.

OS JOGOS

Os concursos artísticos e as competições desportivas eram espetáculos sagrados para os gregos. Os jogos solenes eram essencialmente religiosos: interrompiam-se todas as restantes atividades, declarava-se uma trégua sagrada entre as cidades em guerra. Os mais famosos de todos eram os Jogos Olímpicos, que se realizavam na cidade de Olímpia,¹² em honra de Zeus. Iniciados no ano 776 a.C., realizavam-se de 4

9 Na Grécia antiga, o termo “gineceu” era usado para descrever a parte da casa onde as mulheres passavam a maior parte do tempo, especialmente em casas maiores. Era um espaço reservado à vida doméstica feminina, onde se realizavam tarefas como fiar, tecer e cuidar dos filhos.

10 A palavra “pórtico” (στοά, “stoa” em latim) refere-se a um corredor coberto, frequentemente com colunas, usado para fins diversos como abrigar pessoas, realizar encontros ou atividades comerciais. É um elemento arquitetónico muito marcante na Grécia antiga, encontrando-se frequentemente em santuários e mercados.

11 Em grego, “colunata” (κιονοστοιχία - kionostokhia) refere-se a uma série de colunas, geralmente dispostas em linha, que podem formar um corredor coberto ou um elemento arquitetónico de suporte.

12 Olímpia (em grego: Ολυμπία; romanizado: Olympía) é uma cidade da Grécia famosa por ter sido o local onde se realizavam os Jogos Olímpicos da Antiguidade até à sua supressão, no ano 394, pelo imperador romano Teodósio I. Estes jogos só foram igualados em importância aos seus equivalentes realizados em Delfos (os Jogos Pítios).

em 4 anos, e só os gregos podiam participar. Corrida, salto, lançamento do disco e do dardo, corridas de cavalos e de carros, entusiasmavam atletas e espectadores até ao delírio.

O vencedor do pentatlo era considerado herói. Poetas e escultores immortalizaram estes atletas em obras maravilhosas.

A LÍNGUA E A LITERATURA

Foram os gregos que inventaram a literatura propriamente dita, cultivando praticamente todos os géneros literários hoje existentes.

Foi através da adaptação do alfabeto fenício que os gregos criaram o seu próprio alfabeto: **o alfabeto grego**.

Os **poemas homéricos**, atribuídos a Homero e *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, são considerados as primeiras grandes obras literárias do mundo grego.

O TEATRO

O teatro constituía uma das mais importantes manifestações culturais dos gregos. A maior parte das cidades do mundo grego tinha o seu teatro. Pelas dimensões destes recintos (alguns tinham lotação para 15.000 lugares, e às vezes mais) calculamos que grandes multidões assistiam às representações dramáticas e cómicas.

Através do teatro se educava o gosto pelas coisas do espírito, pela mitologia, pela história, enfim, pela sabedoria.

O teatro teve as suas origens nas cerimónias de culto a Dionísio, deus popular do vinho. Em Atenas estas festas realizavam-se na Primavera, já no século VI a.C., delas faziam parte representações de coristas que, cobertos de pelias de bode, dançando e cantando, imitavam factos da vida do deus. Um dos coristas, o **corifeu**, entrava em diálogo com o **coro**: é o primeiro ator. Com o tempo, outros atores intervêm em diálogos que representavam em cena episódios dramáticos da vida dos deuses e de heróis lendários.



Teatro

Olímpia também é conhecida pela gigantesca estátua de Zeus em marfim e ouro, criada pelo escultor Fídias para o templo do deus localizado na cidade, e que foi uma das sete maravilhas do mundo antigo. Escavações junto ao templo de Zeus, durante a década de 1950, revelaram a existência de um estúdio que se supõe ter pertencido a Fídias.

Algumas representações relacionavam-se com a vida política e social de Atenas, ridicularizando cenas da vida real e vícios dos homens.

Assim nasceu o teatro. Da palavra grega **tragos** (bode) derivou a palavra tragédia; de **kromos** (troça) derivou a palavra comédia.

No século V a.C., as representações teatrais constituíam uma autêntica paixão dos gregos. Em Atenas, apoiados pelo governo da cidade, promoviam-se concursos periódicos durante os quais eram representadas, diariamente, três tragédias de um mesmo autor (trilogia), terminando a jornada teatral com uma peça cômica. No final dos concursos um júri atribuía prémios às melhores representações.

PRINCIPAIS AUTORES TRÁGICOS E CÓMICOS

Entre os grandes trágicos gregos, **Ésquilo** (1ª metade do século V) é considerado o mais genial. Das suas obras destacam-se **Oresteia** e **Prometeu Agrilhado**. Nestas peças, sentimentos como a vingança, o ódio e a justiça são desenvolvidos com um tom acentuadamente religioso.

Sófocles (2ª metade do século V), em obras como **Rei Édipo** e **Antígona**, dá um maior desenvolvimento à ação e uma maior variedade de sentimentos às personagens, preferindo os temas relacionados com heróis lendários.

Eurípides, tal como os anteriores, também se inspira na mitologia e nas lendas homéricas, mas trata mais de episódios em que as paixões humanas estão presentes.

Aristófanes, é o maior dos autores cômicos. As suas obras destinavam-se a divertir, ridicularizando certos costumes do povo e criticando determinadas decisões dos políticos.

A FILOSOFIA

Os pensadores gregos tentaram dar resposta a várias questões, tais como:

- Como foi criado o mundo?
- A que leis obedecem a Terra e os astros?
- Qual a origem do Homem?
- Que devemos fazer para atingir a justiça e a felicidade?
- O que existe depois da morte?

A filosofia começou por ser uma reflexão dos homens sobre o mundo físico que os rodeia, uma tentativa de explicação da origem do mundo, da vida, das forças da natureza como o fogo, a terra, o ar e a água.

Foi nas colónias gregas da Ásia Menor que, primeiramente, esta reflexão ocupou alguns homens nas suas horas de ócio: os filósofos (de **filos**, que significa amigo, e **sofia**, que significa sabedoria).

Mas o primeiro grande filósofo grego foi o ateniense **Sócrates** (século V). Preocupou-se mais em perceber o mistério do ser humano, em descobrir para ele as regras de comportamento. As suas ideias avançadas e as suas críticas ao sistema religioso dos atenienses levaram-no a ser condenado à morte, sob a acusação de corromper a juventude. Os pensamentos de Sócrates sabemos-los pelos escritos dos discípulos, especialmente pelos “Diálogos” de Platão.

Platão e **Aristóteles**, herdeiros do pensamento filosófico de Sócrates, aprofundam as suas reflexões sobre o mistério do Homem e do Universo, chegando a conclusões diferentes. Tanto um como outro, ainda hoje são considerados, universalmente, mestres da literatura e da ciência.

A ORATÓRIA

O sistema político existente na Grécia, em que a cidade-estado era um mundo de reduzidas dimensões, em que os governantes tinham um contacto direto com os governados, favoreceu o aparecimento de um importante instrumento de poder político: a **oratória**, ou seja, **a arte de falar em público**.

Especialmente nas cidades-estado onde existia a democracia, os governantes e os candidatos aos órgãos do poder necessitavam de convencer os eleitores a apoiá-los. **Péricles** (século V a.C.) e **Demóstenes** (século IV a.C.) distinguiram-se pelos discursos políticos.

AS CIÊNCIAS

Com os gregos, deram-se os primeiros passos em quase todas as ciências que estudamos hoje. Conhecedores dos primeiros estudos e realizações dos egípcios e dos povos mesopotâmicos, o espírito filosófico e racional dos gregos deu um contributo muito importante ao desenvolvimento da matemática, da física, das ciências naturais, da medicina, etc. Personalidades como o **Pitágoras** (na matemática) e o **Hipócrates** (na medicina) permanecem ainda hoje famosos.

Também a História, que no século passado adquiriu um verdadeiro carácter científico, nasceu na Grécia. **Heródoto**, é considerado o “pai da História”, embora **Tucídides** se tenha preocupado mais com a averiguação da verdade, nos factos históricos que ambos narraram.

O grande contributo dado pelos gregos para o nascimento do espírito científico consistiu em libertar o pensamento do carácter mágico e religioso com que os povos anteriores explicavam os fenómenos da Natureza e a própria existência humana. Os gregos procuraram formular **leis**, compreensíveis pela razão, pelo raciocínio do Homem,

que explicassem o Universo e o comportamento humano e contribuíssem para o progresso e felicidade dos homens. A esta nova atitude intelectual chamamos de **racionalismo**.

A ARTE GREGA

A arte grega é considerada a expressão mais perfeita do belo. Dirigindo-se tanto à inteligência como à sensibilidade, o classicismo da arte grega traz consigo um valor de universalidade que faz com que a civilização grega continue viva, enquanto que as que a precederam estão mortas. Os sucessivos “renascimentos” demonstram que nenhuma arte exerceu tanta influência até ao nosso tempo como a arte grega.

A ARQUITETURA

A arquitetura grega atingiu o seu esplendor com o **P Partenão de Atenas**, mandado construir por Péricles e era dedicado à deusa Atena¹³.

As suas dimensões eram: *comprimento 70 metros, largura 31 metros e altura 26 metros*, e são proporcionadas. A impressão que sentimos quando nós contemplamos um templo grego é de harmonia e beleza, e não de grandiosidade. A arte grega é uma arte do homem para o homem: ela não é concebida à escala de um império, mas de uma cidade.



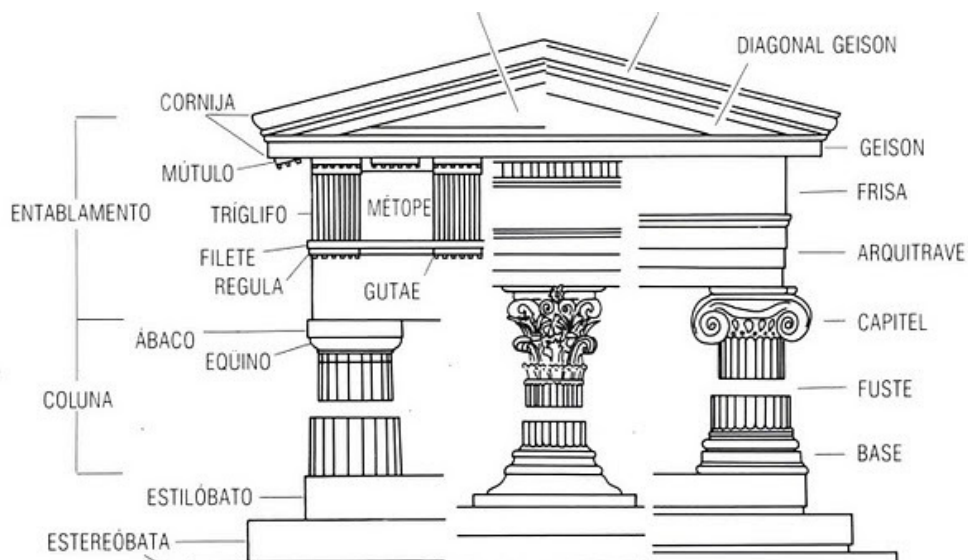
Templo grego

Os arquitetos gregos, inspirados inicialmente na arte egípcia, criaram três estilos arquitetónicos (“ordens”) diferentes:

- A **ordem dórica**, a mais antiga e a mais frequente na Grécia Continental;
- A **ordem jónica**, iniciada na Ásia Menor;
- A **ordem coríntia**, mais tardia e circunscrita a Corinto.

Embora de diferentes proporções e capitéis, todas elas obedecem a regras matemáticas.

¹³ Na mitologia grega, Atena era a deusa da civilização, da sabedoria, da estratégia em batalha, das artes, da justiça e da habilidade.



A ESCULTURA E RELEVO

As esculturas gregas do período arcaico revelam ainda influências egípcias: na rigidez, na ausência de movimento, no convencionalismo das formas e posições.

A perfeição, o rigor do pormenor, a serenidade e a “calma olímpica”, caracterizam a “beleza ideal”, procurada pelos escultores do período clássico. Deuses, heróis e atletas constituíram os modelos de inspiração dos escultores.

A CERÂMICA E A PINTURA

A pintura grega conservou-se sobretudo nos vasos de cerâmica. Para os gregos “até as coisas úteis deviam ser belas”. Utilizando inicialmente um estilo geométrico na decoração dos vasos, passa-se depois à decoração animal e à representação de cenas da vida quotidiana e de personagens e cenas da mitologia.



Deusa Atena

DA CIDADE ESTADO AO “IMPÉRIO HELENISTA”

A fim de que este capítulo sobre a Grécia Antiga, fique completo, resta-nos tratar um pouquinho mais sobre o “Império Grego”.

As tendências expansionistas de Atenas levaram-na a um conflito armado com a cidade-estado de **Esparta** nos finais do século V a.C., esse conflito armado ficou conhecido como a **Guerra do Peloponeso**. Enfraquecida por esta guerra, Atenas acabaria por ser conquistada por um rei estrangeiro – Filipe II, da Macedónia – que estendeu igualmente o seu domínio sobre toda a Grécia.

A ação expansionista de Filipe II, irá ser prosseguida pelo seu filho **Alexandre Magno**. Após ter vencido os Persas, Alexandre Magno vai estender os seus domínios até à Índia. Deste modo se formava um vasto império que se estendia da Macedónia até ao rio Indo e que englobava a área geográfica das principais civilizações da antiguidade.

Apresentando-se como libertador perante os povos conquistados, tratando-os com tolerância e respeitando os seus costumes, Alexandre Magno, serviu-se da cultura grega como elemento unificador do império. A civilização grega estendeu-se assim por uma vasta área geográfica, deixando-se também (“estúpida e criminosamente”) influenciar por diferentes aspetos das antigas civilizações orientais.

Da fusão da cultura grega (ou helénica), com as culturas orientais vai resultar o crime de uma “nova civilização”: a dita **civilização helenística** (ou helenismo).



Império de Alexandre Magno em 323 a.C.

Após a morte de Alexandre Magno, no ano 323 a.C., os seus generais repartem entre si o vasto império, dando origem a uma série de **reinos helenísticos**, dos quais se destacam: Alexandria, Pérgamo, Rodes e Antioquia. A marca helenista permanecerá, no entanto, bem viva através dos séculos futuros.

A civilização à escala do império deu origem a transformações em todos os domínios. O “crime” da fusão e do intercâmbio de conceitos políticos, culturais e religiosos era inevitável:

- Com a morte da cidade-estado desaparecem as divindades protetoras; os deuses orientais invadem o mundo grego;
- A arte do período helenístico já não é à medida do Homem; realizações grandiosas substituem os sóbrios e proporcionados templos gregos;
- A calma e a serenidade das estátuas do período clássico dão lugar aos movimentos violentos e atitudes dolorosas da maior parte das esculturas helenísticas.

Nas ciências, o período helénico foi particularmente brilhante: Euclides (na geometria) e Arquimedes (na física) são dois nomes imortais. Porém estes factos nada tiveram a ver com a fusão cultural. Uma pessoa inteligente é, e será sempre inteligente, independentemente a sua cultura ou estatuto social.

No **século I a.C.**, os enfraquecidos reinos helenísticos cairão sob o domínio da nova potência do Mediterrâneo: ou seja, **Roma**. No entanto a influência da civilização helenística irá prosseguir.

A principal obra de Roma consistirá na transmissão desta herança intelectual, artística e política, “enriquecida” com a experiência e o sentido prático dos romanos.

FENÍCIOS, GREGOS E CARTAGINESES NA PENÍNSULA IBÉRICA

Para finalizar, convém saber que os fenícios, os gregos e os cartagineses, todos eles povos orientados para o comércio, também tinham na Península Ibérica as suas colónias. Vejamos o que os historiadores portugueses Armando Coelho Ferreira da Silva e José Hermano Saraiva, nos dizem sobre esses povos:

Os dados mais antigos, que remontam à fundação fenícia da colónia de Cádiz [...], não têm comprovação arqueológica anterior ao século VIII a.C. [...]. A sua instalação deverá ter sido, todavia, precedida por viagens de exploração em busca dos metais [...] que terão atingido a costa atlântica, pelo menos até ao norte de Portugal, por causa do estanho, supostamente nos finais do II milénio a.C.

O mapa de distribuição de materiais arqueológicos de clara procedência de comércio fenício [...], referenciados em território português, constante sobretudo de armas, fíbulas, placas de cinturão, jarros de bronze, peças de ourivesaria e outros objetos em metal, cerâmicas típicas como as de verniz vermelho e marfins, manifesta uma rota essencialmente marítima [...].

O número reduzido de cerâmicas gregas anteriores a 450 a.C., aparecidas em Portugal parece indicar que os indígenas (“portugueses”) não comercializavam diretamente com os gregos, sendo com certeza mercadoria

comercializada via Cádiz [...]. E a partir desta data as produções de influência grega poderão ter-nos também chegado por intermédio dos cartagineses, que desde o princípio do século dominavam o Estreito de Gibraltar (ou também conhecido por Colunas de Hércules).

*Armando Coelho Ferreira da Silva,
História de Portugal, 1º Volume, página 124,
dir. José Hermano Saraiva,*



Mapa Mediterrânico



